

---

SÍLVIA RITA SOUZA

O Banco Mundial publicou o Relatório sobre o Desenvolvimento Mundial de Igualdade de Gênero e Desenvolvimento – 2012 no qual declara:

primeiro, a igualdade de gênero tem importância intrínseca porque a capacidade de viver a vida que se deseja e ser poupado da privação absoluta é um direito humano básico e deve ser igual para todos, seja a pessoa homem ou mulher. Segundo, a igualdade de gênero tem importância instrumental porque uma maior igualdade de gênero contribui para a eficiência econômica e a obtenção de outros resultados essenciais de desenvolvimento.<sup>1</sup>

Então, igualdade de gênero significa concretamente que homens e mulheres tenham oportunidades iguais e que possam alcançar o seu potencial individual em condições de contribuir para o desenvolvimento econômico e social do seu país, beneficiando sua comunidade. E para atingir plenamente seu potencial as mulheres precisam ser empoderadas.

Na América Latina, as primeiras mulheres presidentes surgiram na América Central: Violeta Chamorro na Nicarágua (1990-1994) e Mireya Moscoso, no Panamá (1999-2004). Bolívia, Haiti e Equador tiveram mulheres presidentes que exerceram o cargo por menos de um ano.

---

1 Banco Mundial, Relatório sobre o Desenvolvimento Mundial de Igualdade de Gênero e Desenvolvimento, 2012.

Mais recentemente, Michele Bachelet atuou como presidente do Chile (2006-2010). Ela foi seguida por Cristina Fernández de Kirchner, da Argentina (2007-2011), Laura Chinchilla, da Costa Rica (2010-2014), e Dilma Rousseff, do Brasil (2011-2015). Dos 33 países da região latino-americana, nove elegeram mulheres presidentes ou primeiras-ministras.

Para a sociedade brasileira é significativa a presença de uma mulher no mais alto cargo do Executivo Federal, Dilma Rousseff. Marcante foi sua fala no discurso de posse, afirmando que agora as portas foram abertas e que o caminho está livre para todas as que sonham alcançar o poder: “Venho para abrir portas para que muitas outras mulheres também possam, no futuro, ser presidenta; e para que – no dia de hoje – todas as brasileiras sintam o orgulho e a alegria de ser mulher.”

Mas porque a presença de mulheres é mais escassa nos cargos do poder executivo?

Os cargos de presidente, governador e prefeito são muito importantes para as lideranças e partidos políticos porque controlam e executam as políticas públicas em nível local, estadual e nacional bem como seus respectivos orçamentos. Isto oferece maior visibilidade ao trabalho realizado durante o mandato e facilita, sobremaneira, a reeleição ou eleição para um novo cargo. Então a disputa pela concretização da candidatura é mais acirrada dentro dos partidos políticos, onde a liderança normalmente é exercida por homens, dificultando as candidaturas femininas.

Durante séculos a mulher esteve fora do poder político, sendo este monopolizado pelo homem. Mas aos poucos estamos avançando! “As mulheres agora representam mais de 40% da mão de obra global, 43% da força de trabalho e mais da metade dos estudantes universitários do mundo.”<sup>2</sup>

No Brasil, em 1932 alcançamos o direito ao voto e, no ano seguinte, Carlota de Queirós é eleita a primeira deputada federal do País. No ano de 1990, elegemos as primeiras senadoras da República: Junia Marise (Minas Gerais) e Marluce Pinto (Roraima). Em 1994, Roseana Sarney é a primeira mulher eleita para chefiar um estado brasileiro, o Maranhão.

Novas e grandes conquistas em 2011: a presidenta Dilma Rousseff toma posse e no Congresso Nacional foram eleitas as primeiras vice-presidentas da Câmara dos Deputados (Rose de Freitas, do Espírito Santo) e do Senado (Marta Suplicy, de São Paulo).

2 Banco Mundial, Relatório sobre o Desenvolvimento Mundial de Igualdade de Gênero e Desenvolvimento, 2012.

A minirreforma eleitoral (Lei 12.034), ocorrida em 2009, estabeleceu que na lista de candidaturas de cada partido é obrigatório ter um número mínimo de 30% e máximo de 70% de candidaturas de cada sexo e que 5% dos recursos do fundo partidário sejam usados em ações para fortalecer e promover as candidaturas femininas.

Entretanto, a União Interparlamentar avalia que o Brasil ocupa o 110º lugar na questão da inserção política por gêneros, dentre 146 países. Estamos atrás de nações como Togo e Serra Leoa!

Objetivando combater este problema, a Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República tem trabalhado de forma incessante para a mudança dessa situação coordenando campanhas nacionais como a de 1996: *Mulheres Sem Medo do Poder* e em 2008 e 2012 *Mais Mulheres no Poder: eu assumo este compromisso!*

Mas, em que consiste o empoderamento da mulher?



O empoderamento da mulher não se refere apenas ao acesso a cargos no legislativo, executivo e judiciário, trata-se de algo bem maior: o de influenciar a transformação da sociedade em todas as áreas. Isto alcança as decisões sociais, políticas e econômicas que afetam a vida das mulheres, das famílias e de toda a sociedade.

O empoderamento da mulher envolve ainda cinco componentes:

1. Senso de autoestima
2. Direito de ter e determinar escolhas
3. Direito de acesso a oportunidades e recursos
4. Direito de poder controlar a própria vida, dentro e fora de casa
5. Capacidade de influenciar as transformações para criar uma ordem social mais justa e igualitária

É importante que tenhamos mais mulheres em posições de poder e influência para que as meninas e demais mulheres possam visualizar esses cargos serem ocupados por mulheres e possam sonhar e aspirar a essas mesmas posições.

Entretanto, embora seja importante termos mais mulheres em posições de influência e poder, também é vital que as mulheres em tais posições façam mais em prol das outras mulheres. Elas têm que trabalhar para garantir que as vozes do coletivo de mulheres sejam ouvidas, que as políticas públicas adotadas levem em consideração as necessidades específicas das mulheres e devem ainda comprometer-se a trazer mais e mais mulheres, junto com elas, ao poder, elevando-as coletivamente.

Se isso não ocorre acabamos com apenas um símbolo de mulher no poder que, dependendo do caso, poderá até ser prejudicial para o coletivo de mulheres. Então, ter mulheres no poder não é suficiente. É necessário que as mulheres que ascenderam ao poder tenham consciência de sua importância e influência compreendendo que a desigualdade de gênero continua e que temos o compromisso de criar condições para que a mudança ocorra.

E que lacunas precisam ser preenchidas para que o empoderamento da mulher ocorra?



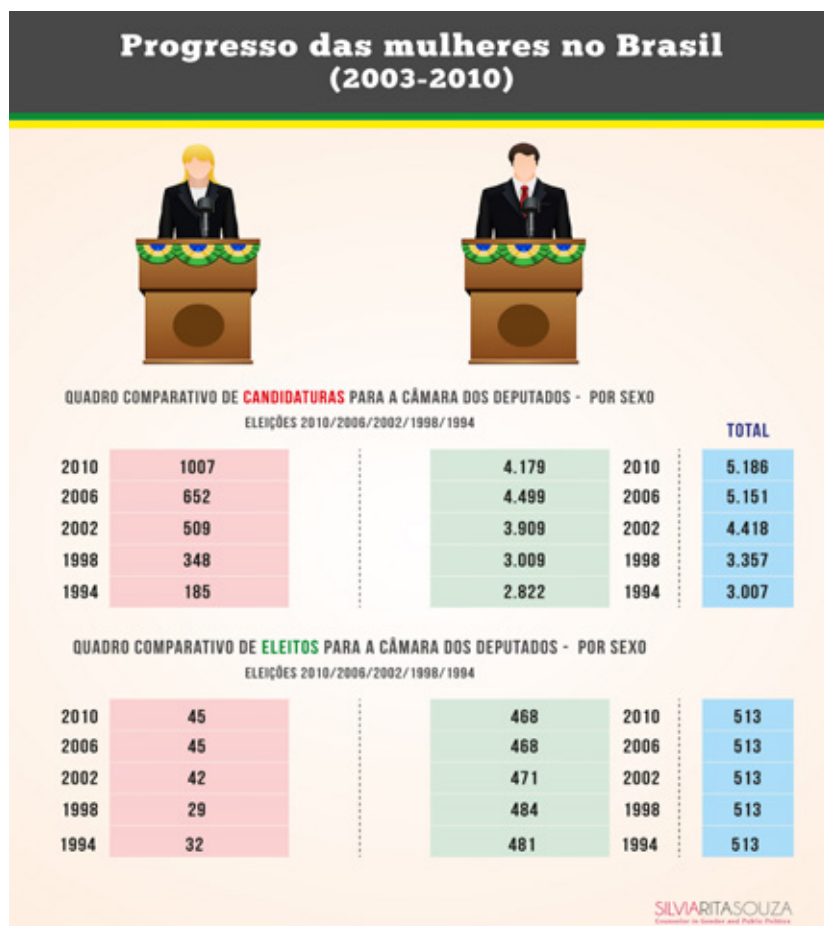
## MULHERES CANDIDATAS

**É** necessário garantirmos o acesso da mulher aos espaços de poder decisório. Isto porque as mulheres enfrentam barreiras e desafios diferentes dos homens e que resultam da desigualdade de gênero contínuo na sociedade. Muitas vezes essas barreiras e dificuldades passam despercebidas no momento da tomada de decisões, quando não contamos com mulheres dentro do processo.

Então, a presença de mulheres candidatas sinaliza que a democracia está sendo consolidada e que o acesso a oportunidades políticas é para todos e para todas. Essas candidaturas também servem de modelo simbólico, mostrando que a política não é mais um mundo exclusivo dos homens, estimulando o engajamento de outras mulheres e transformando o espaço de poder em um lócus mais democrático e representativo.

Existem ainda evidências de que o aumento de candidaturas femininas tem impacto positivo sobre o comportamento masculino. Os candidatos homens passam a trabalhar nas suas campanhas eleitorais aspectos de políticas públicas de gênero quando seu adversário é uma mulher. Esta mudança é positiva para toda a sociedade!

Quando analisamos as últimas eleições, podemos notar o aumento gradativo das candidaturas femininas em todos os níveis. Entretanto, as barreiras para que as candidatas sejam efetivamente eleitas continuam.



Nos últimos anos, a ciência política apresentou uma vasta literatura sobre os desafios e as oportunidades que as mulheres candidatas enfrentam. Mas existem muitas questões a serem debatidas e respondidas sobre o papel que o gênero desempenha nesses desafios e oportunidades.

Esta reflexão visa contribuir com o debate e estará centrada nos seguintes tópicos:

6. Recrutamento de candidatas
7. Capacitação – ferramenta para o sucesso nas urnas
8. Campanhas eleitorais femininas

## RECRUTAMENTO DE CANDIDATAS

**P**ara que possa concorrer a um cargo eletivo, a pessoa precisa ser recrutada e ter seu nome aprovado pelo partido político ao qual pertence. Este recrutamento consiste em identificar lideranças que tenham o desejo de envolver-se na política. Então normalmente a busca centra-se em lideranças que já atuam no partido.

Alguns partidos já tem claro a sub-representação da mulher no poder público e adotam iniciativas que buscam aumentar esta participação. Outros percebem esta realidade, mas não a consideram relevante.

Estas iniciativas passam pela inclusão do segmento feminino como órgão específico nas instâncias partidárias. São os coletivos, núcleos ou secretariados de mulheres, nomenclatura utilizada por diversos partidos.

É necessário mais que isso!

As lideranças políticas normalmente acreditam que encontrarão mulheres candidatas nos mesmos lugares onde encontram os candidatos homens. Mas não acontece dessa forma. O homem encontra-se no processo político há muito mais tempo que a mulher. Este espaço é ocupado pelo homem de forma muito mais tranquila. Como a mulher adentrou neste espaço há pouco tempo, é necessário fazê-la perceber que sua presença pode acontecer muito além do simples apoio às candidaturas masculinas, no papel de voluntárias. A mulher precisa perceber-se com capacidade e potencial para a liderança política.

Então, é necessário recrutar mulheres onde elas são líderes, onde o mercado de trabalho nos informa sua predominância, onde são trabalhadas questões voltadas às políticas públicas e em organizações não governamentais.

O papel da mulher na sociedade tem mudado muito, mas a divisão das responsabilidades domésticas e com o cuidado com os filhos permanece influenciando, sobremaneira, a decisão das que almejam a carreira pública. Então, importante é buscar mulheres de diferentes idades. As mulheres mais jovens, porque ainda não estão pressionadas pelas responsabilidades familiares e as mulheres mais velhas porque, com os filhos crescidos, tem suas responsabilidades familiares reduzidas.

Apresentamos o resultado das eleições de 2010 para a Câmara dos Deputados, por sexo e segundo a faixa etária, para melhor ilustrar esta questão:



SILVIARITASOUZA  
Consultor in Gender and Public Policies

Percebe-se que as mulheres eleitas concentram-se na faixa etária de 45 a 59 anos e o mesmo fenômeno ocorre nas candidaturas femininas à mesma Casa de Leis.

É preciso ainda buscar mulheres que são lideranças locais, que conseguem “mover” as pessoas em busca de um objetivo comum e que trabalham com seriedade junto à sua comunidade. As ONGs são especialmente importantes quando conseguem conectar as lideranças femininas dos segmentos sociais com os quais trabalham aos partidos políticos.

Algumas vezes é necessário que as lideranças partidárias saiam de sua zona de conforto e busquem as mulheres candidatas ajudando-as a verem além da situação em que se encontram.



A pergunta que devemos fazer a estas mulheres é: você já pensou em transferir esta sua paixão pelo trabalho comunitário para a política? Você consegue visualizar o quanto pode fazer se estiver ocupando um cargo eletivo? Percebe o quanto sua ação como mulher política pode transformar a vida de muito mais pessoas em sua comunidade?

Relevante lembrar que iniciar a carreira política em um cargo inferior não é pré-requisito para candidatar-se a cargos mais altos. Temos vários exemplos de políticos que iniciaram suas carreiras não como vereador, mas sim como deputado federal ou outro cargo de maior nível.

O que tenho percebido ao longo dos anos de militância política é que os homens jovens estão mais propensos a ver a política como uma carreira, ao passo que as mulheres tendem a chegar lá em uma idade mais avançada como uma forma de influenciar um problema no qual se encontram envolvidas.

Potencializar as lideranças femininas trará uma contribuição essencial ao processo de transformação da sociedade. As mulheres trazem para a humanidade um novo estilo de liderança, a liderança transformadora: valorizam a diversidade de pontos de vista e normalmente comprometem-se com trabalhos que enfocam o coletivo acima do individual.

Esta nova forma de liderança envolve uma série de características, dentre estas:

- Processo de tomada de decisão por consenso;
- Poder como algo a ser compartilhado;
- Resolução de conflitos por negociação;
- Promoção da diversidade em todas as áreas.

## CAPACITAÇÃO – FERRAMENTA PARA O SUCESSO NAS URNAS

**P**rogramas de capacitação que visem potencializar a participação política das mulheres são essenciais para diminuir o espaço existente entre homens e mulheres em termos de acesso ao poder político.

Para atuarem de forma eficaz como parlamentares ou ocupantes de cargos majoritários no Executivo, as mulheres devem ter claro quais são as funções do cargo que exercerão, dominando bem as “regras do jogo”.

Mas um aspecto importante deve ser considerado: as mulheres não estão acostumadas a expor suas ideias, já que foram silenciadas por muitos e muitos anos. O primeiro passo, portanto, para trabalharmos com a questão da liderança feminina é exatamente focar na comunicação interpessoal. Isto porque falar em público, na arena política, é pré-requisito para o sucesso.

Os partidos políticos devem oferecer as ferramentas de comunicação necessárias para as mulheres que devem abranger:

- Capacitação consistente na área de comunicação;
- Construção de habilidades de liderança;
- Iniciativas que reúnam as mulheres em rede (mulheres apoiando mulheres);
- Capacitação de multiplicadoras (mulheres capacitando mulheres);
- Capacitação e monitoramento de mulheres eleitas;
- Envolvimento da juventude para proceder às mudanças de comportamentos políticos necessárias.

Na construção dos programas de capacitação devemos fazer uso da ciência que nos esclarece que o cérebro é composto de hemisfério direito e esquerdo. O hemisfério esquerdo concentra as funções lógicas e analíticas. O hemisfério direito se expressa através das artes criativas. É necessário o uso equilibrado dos dois hemisférios para que o aprendizado possa ser melhor processado e potencializado. As oficinas, jogos, artes, palestras criativas, demonstração, dramatização e estudos de caso são excelentes ferramentas que podem estimular as participantes no processo ensino-aprendizagem.

Não devemos esquecer ainda que os adultos possuem ricas experiências de vida que devem ser consideradas quando planejamos cada programa. É importante valorizar as experiências individuais e inseri-las nas capacitações, oferecendo-as como exemplos para as outras participantes.

## CAMPANHAS ELEITORAIS FEMININAS

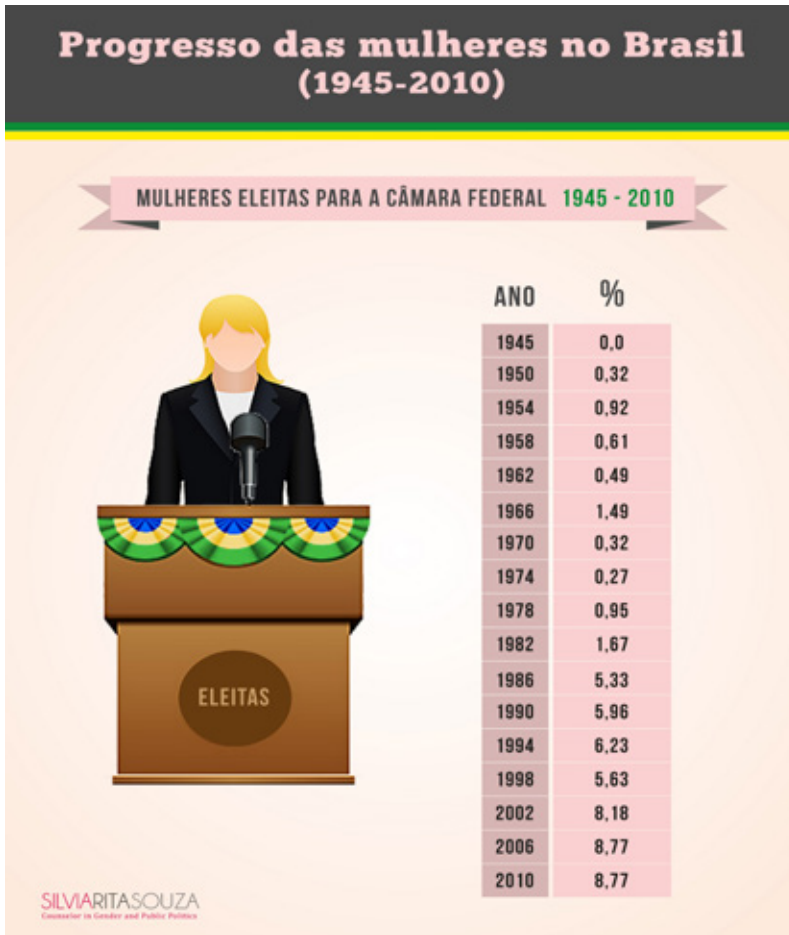
**O** infográfico a seguir demonstra a evolução gradativa e lenta da presença das mulheres na Câmara Federal no período de 1945 a 2010. Temos muito a conquistar!

Segundo dados de 2012 do Tribunal Superior Eleitoral – TSE, as mulheres são 51,9% do eleitorado, o que representa aproximadamente 73.000.000 de votos! Isso significa que temos um vasto campo de trabalho cujos votos podem ser alcançados pelas mulheres candidatas.

Ressalte-se que estudos da ciência política tem demonstrado que a sociedade percebe a mulher e o homem na política de forma estereotipada, atribuindo a cada gênero certos traços de personalidade.

A mulher candidata é vista como passiva, meiga, atenciosa e o homem como forte, experiente, assertivo. Estes estereótipos refletem as ideias mais

gerais que a sociedade tende a manter sobre a mulher. A dificuldade das mulheres candidatas soma-se ao fato de que geralmente a sociedade valoriza as características ditas “masculinas” quando analisa como a pessoa que assume um cargo político deve ser.



Como consequência desta visão os eleitores associam as mulheres candidatas às áreas sociais como: saúde, educação, assistência social (crianças, idosos, portadores de necessidades especiais), meio ambiente e os homens com áreas consideradas mais “duras” como economia, segurança, agricultura.

Uma análise importante se impõe: será que estes estereótipos somente atrapalham ou podem contribuir para a eleição de mais mulheres aos executivos e legislativos?

Fato importante é que as mulheres candidatas são consideradas mais competentes para trabalhar com temas que afetam diretamente as mulheres como assédio sexual, direitos reprodutivos, violência doméstica, dentre outros, o que pode ser utilizado para alcançar o eleitorado feminino.

Ao iniciar o período eleitoral é necessário, então, tomar importantes decisões para o planejamento estratégico da campanha, considerando o impacto que o gênero terá sobre os eleitores.

Abraçar ou evitar o rótulo “mulher candidata”? Esta definição envolve muitas escolhas importantes sobre a forma de vestir-se, o cabelo, a forma de apresentação da família (marido e filhos), a mensagem a ser trabalhada junto aos eleitores e as propostas de trabalho concretas.

Então que decisão tomar? Reforçar os estereótipos ou trabalhar para combatê-los?

Deve existir um equilíbrio nesta questão, pois normalmente campanhas que apresentam propostas diversificadas tendem a ser vitoriosas, enquanto as que permanecem focadas em um único tema, não atingem o conjunto da sociedade e tem a probabilidade maior de fracassar.

É necessário mostrar ao eleitor que a sensibilidade da mulher pode e deve ser utilizada em áreas consideradas “duras” como na economia, por exemplo. Através da sensibilidade, característica da mulher, os escassos recursos públicos podem ser direcionados para áreas realmente prioritárias e que virão a beneficiar o maior número de cidadãos. Fazendo uso da sensibilidade, a mulher pode focar a ação das políticas públicas em benefício dos que realmente necessitam, por sua fragilidade, de uma ação consistente do poder público como os idosos, as mulheres, as crianças, os jovens e etc.

Fato é que a presença de mais mulheres candidatas tem impactado também as candidaturas masculinas. Os candidatos homens, em todos os níveis, tem procurado apresentar propostas de interesse específico da mulher.

A eficácia da estratégia eleitoral, entretanto, é moldada por uma série de questões como: o partido político e seu apoio, inclusive financeiro; o jogo eleitoral naquele exato momento e local; o cargo que se pleiteia. Todos estes aspectos devem ser considerados antes de decidir que mensagem a candidata deve transmitir aos eleitores (discurso e sua forma; peças publicitárias, apresentação pessoal e etc).

Pesquisas sugerem que a preocupação comum sobre questões específicas podem motivar o eleitorado feminino a votar em mulheres candidatas. Temas como reprodução, cuidados com as crianças e outras, tendem a ser mais importantes para as mulheres e existem hipóteses de que as mulheres

têm mais tendência a optarem por representação do mesmo sexo do que os homens.

Necessitamos de mais pesquisas para entender como os estereótipos de gênero e estereótipos vinculados aos partidos políticos influenciam o eleitor na hora do voto de forma a favorecer ou prejudicar determinado candidato ou candidata. Isto nos ofereceria um panorama geral do clima eleitoral e de como utilizá-lo a favor da eleição de mulheres.

Outro tema que vem levantando debates é o financiamento de campanha eleitoral. Sobre este assunto existem muitas questões a serem respondidas e também nesta área necessitamos de mais dados e mais pesquisas.

Por muito tempo acreditou-se que a arrecadação de recursos financeiros para a campanha eleitoral é mais difícil para as mulheres. Esta percepção persiste e isso talvez explique a dificuldade de convencimento das lideranças femininas a candidatarem-se.

## CONCLUSÃO

**A**s habilidades/capacidades dependem do acesso a recursos diversos como: educação, saúde, independência econômica, dentre outros. O acesso das mulheres a estes recursos facilita a conscientização dos próprios direitos e abre espaço para a ação política, sob todas as suas formas.

E o que é preciso para ser uma mulher política?

Exatamente o que é preciso para ser um homem político: visão de futuro, determinação, coragem, resistência física e mental, senso de humor e muita habilidade para lidar com o estresse!

Alguns desafios são particularmente relevantes para as mulheres candidatas. Estes obstáculos são classificados em cinco categorias principais: assertividade, captação de recursos, redes de apoio, relações com a mídia e habilidade para falar em público.

A capacitação em oratória e relações com a mídia é ferramenta indispensável no processo de empoderamento político que deve estar aliada ao apoio partidário necessário para a captação de recursos e à potencialização das redes de apoio.

É necessário transformar a cultura interna dos partidos políticos para que estes se tornem mais comprometidos em abrir espaços para as mulheres, viabilizando oportunidades iguais de participação na tomada de decisões. Importante mecanismo é a determinação do percentual de 50% de cada sexo nos cargos das executivas partidárias nos três níveis: nacional, estadual e municipal.

Esta mudança de comportamento dos partidos políticos inclui ainda a forma como as reuniões são agendadas, a fim de considerar a dupla jornada de trabalho enfrentada pelas mulheres, o financiamento de campanha, a implantação de programas de capacitação em habilidades de liderança e gestão bem como comprometimento com o recrutamento de mulheres candidatas.

Segundo dados da ONU, mantendo-se o ritmo atual de crescimento por gênero – 1 a 2% – o Brasil só atingirá a paridade daqui a 400 (quatrocentos) anos. Nesse sentido, impõe-se a prática de ações afirmativas, preconizadas pelos diversos Tratados e Conferências Internacionais das quais o Brasil é signatário.

E o que as mulheres querem?

As mulheres querem estar ao lado dos homens na tomada de decisões em todos os níveis. As mulheres querem e lutam pelo aprofundamento da democracia. E uma sociedade justa requer políticas públicas universais e ações afirmativas, assegurando a igualdade de direitos.

A humanidade não poderá avançar, não poderá alcançar o pleno desenvolvimento, se 51% da população continuar na retaguarda, sem participar do processo de tomada de decisões que afetam a vida de todos nós.

Fortalecer a mulher é, portanto, fortalecer a democracia, os direitos da pessoa humana, o marido ou companheiro, a criança, a família, a sociedade, a nação, o mundo.

Temos à nossa frente grandes desafios e é necessário estarmos vigilantes, não aceitando retrocessos nas conquistas obtidas através das lutas travadas pelo movimento de mulheres.

O século XXI está dando seus primeiros passos e nós mulheres temos muito a caminhar, a romper barreiras e a vencer. Temos o legado da conquista da igualdade e equidade a deixar para as futuras gerações.

Deixo para nossa reflexão, frase do escritor alemão Hermann Hesse, prêmio Nobel de Literatura em 1946:

*“Nada lhe posso dar que já não existe em você.*

*Não posso abrir-lhe outro mundo de imagens, além daquele que há em sua própria existência.*

*Nada lhe poderei dar, a não ser a oportunidade, o impulso, a chave.*

*Eu o ajudarei a tornar visível o seu próprio mundo.”*

- **Agenda de gênero:** Incorporação da perspectiva de gênero, como ação que promove a redução de desigualdades entre homens e mulheres.
- **Política pública:** Curso de ação do Estado, orientado por determinados objetivos, refletindo ou traduzindo um jogo de interesses.
- **Políticas públicas com recorte de gênero:** São políticas públicas que reconhecem a diferença de gênero e, com base nesse reconhecimento, implementam ações diferenciadas para as mulheres.
- **Focalização em mulheres nas políticas públicas** (*targeting women*): tem como base o argumento de que a atenção privilegiada às mulheres terá impacto na sociedade como um todo.
- **Gênero:** se refere aos atributos sociais, comportamentais e culturais, expectativas e normas associadas a ser uma mulher ou um homem.
- **Igualdade de gênero:** diz respeito à maneira como esses aspectos determinam como mulheres e homens se relacionam um com o outro e às diferenças resultantes do poder entre eles.
- **Empoderamento:** é o mecanismo pelo qual as pessoas, as organizações e as comunidades tomam controle de seus próprios assuntos, de sua própria vida e de seu destino, tomam consciência da sua habilidade e competência para produzir, criar e gerir.
- **Ações afirmativas:** são medidas especiais e temporárias, tomadas ou determinadas pelo Estado, espontânea ou compulsoriamente, com o objetivo de eliminar desigualdades historicamente acumuladas, garantindo a igualdade de oportunidades e tratamento, bem como compensar perdas provocadas pela discriminação e marginalização.

**Silvia Rita Souza** é educadora, pós-graduada em Planejamento e Desenvolvimento de Recursos Humanos, conselheira da ONG *Women's Democracy Network-WDN*, foi conselheira do Programa de Liderança no Timor Leste, membro da Rede de Escritoras Brasileiras-REBRA e autora do livro *A Mulher Candidata – Competindo para Vencer* (2012). E-mail: silviaritasouza@gmail.com.

## BIBLIOGRAFIA

- ALLEN, Cathy. *Taking back politics: an insider's guide to winning*. Toronto: Jalapeño Press, 1996.
- AVELAR, Lúcia. Mulher e Política: o mito da igualdade. *Social Democracia Brasileira*, ano I, n. 2, mar. 2002.
- AVELAR, Lúcia. *Mulheres na elite política brasileira*. São Paulo: Fundação Konrad Adenauer, Ed. Unesp, 2001.
- BANCO MUNDIAL. *Relatório sobre Desenvolvimento Mundial, Igualdade de Gênero e Desenvolvimento*, s.l: Banco Mundial, 2012.
- BELLO, Mercedes Elena. *El proceso de Financiamiento Privado para Campanas Electorales*. Palestra apresentada em evento promovido pela George Washington University em Washington, 2005.
- CRUZ, Mabel; COSTA, Jimena; SCOTTO, José Luis. *Mujeres Participando em Política*. Bolívia: Instituto Republicano Internacional (IRI), 2009.
- FARAH, Marta Ferreira Santos. Gênero e Políticas Públicas. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 12, n.1, jan./abr. 2004.
- KINGDON, John W. Agendas, Alternatives, and Public Policies. 2. ed. In: \_\_\_\_\_ *Wrapping things up – session Agenda setting*. New York: Harper Collins, 1995. cap. 9.
- REIS, Elisa Pereira. Política e políticas públicas na transição democrática. In: MOURA, Alexandrina de Moura (Org.). *O Estado e as políticas públicas na transição democrática*. São Paulo: Vértice Editora, *Revista dos Tribunais*, Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1989. p. 90-104.
- SOARES, Cristiane. Índices de Desenvolvimento de Gênero: uma análise do avanço social das mulheres no Brasil e nas Unidades da Federação. *Revista do Observatório BRASIL da Igualdade de Gênero*, Edição especial. Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República. jul., 2010.
- SOUZA, Sílvia Rita. *A Mulher Candidata: competindo para vencer*. Brasília: Alpha Gráfica e Editora, 2012.
- SOUZA, Sílvia Rita. *As Mulheres e a Política*. Diálogo e Intercâmbio entre Partidos Políticos y Sociedad Civil em Mercosur. Rio de Janeiro: Fundação Konrad Adenauer Stiftung, 2008.
- THE WORD BANK. *Toward Gender Equality: the Role of Public Policy*. Washington (D.C.): The World Bank, 1997.